

Notas de Leitura

**LEFEBVRE, Henri. O direito à cidade. 1 ed.
São Paulo: Moraes, 1991.**

Lígia Maria R. dos Santos

Henri Lefebvre, ilustre teórico marxista do *fenômeno urbano*, sumariza em seu livro em epígrafe, as ideologias que perpassam historicamente a cidade, principalmente a partir da consolidação do modo de produção capitalista e do processo de industrialização na Europa Ocidental, nos séculos XVIII/XIX.

Afirma em sua nota de *apresentação* que a realidade urbana adquire amplitude no âmbito das reflexões, em virtude dos processos supramencionados, impelindo os estudiosos a reconsiderarem a filosofia, a arte e a ciência.

Adverte que sua obra contém uma forma ofensiva, de maneira que busca abrir horizontes no que diz respeito ao urbanismo, para que este seja contemplado conscientemente pelos *segmentos sociais*.

Ao apresentar e expor a problemática urbana, toma como referencial a Revolução Industrial Clássica. Reitera que a cidade precedera este processo, conquanto a mesma fora vista na antigüidade como uma obra de arte. Neste sentido, a criação de produtos (valor de troca), substituiu paulatinamente a produção de obras (valor de uso).

Para Lefebvre, as realidades industrial e urbana são inextricáveis, uma vez que revelam a complexidade de aspectos que as envolvem. Este *conteúdo* evidencia assim, o acirramento das lutas entre as classes estabelecidas: burguesia e proletariado. A cidade, ao protagonizar o antagonismo destas classes sociais, representa indescritivelmente, os seus direitos imanentes: o habitat urbano.

Em seu enunciado sobre a Revolução do Terceiro Es-

tado Francês (1789), quando a burguesia tida como progressista, apodera-se da capital francesa (Paris), transformando-a, o autor inscreve o poderio burguês sobre a cidade. Salienta que os *novos proletários*, expropriados do centro urbano, passaram a habitar os subúrbios (pavilhões residenciais e conjuntos). Perderam, portanto, o sentido da obra ao verem desaparecer os símbolos urbanos (ruas, praças, monumentos, lugares de encontro, entre outros).

O período burguês, segundo Lefebvre, anunciara a destruição da cidade, ao negá-la pela economia industrial e consequentemente, pela ideologia desta classe dirigente. Com efeito, uma nova racionalidade urbana consolida-se concomitantemente à crise do urbanismo.

Com vistas ao aprofundamento da crise urbana, o autor privilegia a filosofia, porquanto esta ciência, desde Platão e Hegel, tem refletido a cidade em sua totalidade. Ao considerar a cidade arcaica (grega ou romana), ressalta que este espaço fora construído através da reunião de várias tribos, as quais constituíam uma comunidade, coexistindo a *divisão social do trabalho* na produção de bens. No decurso da história, transcreve-se a dicotomia entre campo e cidade e por conseguinte, a separação entre trabalho material e intelectual. Ao primeiro atribui-se as imagens da natureza, do ser, do original. À segunda, as imagens do esforço, da vontade, da subjetividade, da reflexão. Neste sentido, Lefebvre salienta que a filosofia nascera da cidade com seus contextos, contraditórios muitas vezes.

Na idade média depreende-se uma hierarquia urbana análoga à do campo, sob o modo de produção feudal. A filosofia, afirma o autor, submete-se à teologia, deixando de meditar sobre o urbano. Já na sociedade moderna, configura-se um outro quadro para a reflexão filosófica e a cidade, tornando o sistema filosófico racional e real, ao apreender a práxis social. No entanto, não é pelo estado burocrático que a história se completa e a filosofia se realiza, mas sim, pelo projeto humanístico da classe proletária, que apenas *se delineava*.

Em sua análise sobre a contribuição dos diferentes ramos da ciência no estudo urbano, Lefebvre inquire sobre a

possibilidade de se abstrair das ciências parcelares, uma ciência da cidade. Isto porque, alguns estudiosos, sob a filosofia organicista, evolucionista, continuísta (ou se preferir, positivista), legitimaram suas representações acerca da cidade.

A questão que se torna patente é a de que o urbanismo, enquanto prática permite a determinação de resultados relativos aos conhecimentos parcial ou global. Tanto o primeiro, quanto o segundo, implica em um exame crítico por parte dos diferentes ramos científicos.

Lefebvre enuncia que os aspectos mencionados a priori, os quais envolvem a problemática urbana, não ocorreram isoladamente nas obras dos eminentes filósofos como Platão e Aristóteles, que ocuparam-se dos estudos sobre as cidades gregas. Acrescenta que Mumford e Bardet, pensaram a cidade moderna de acordo com a antiga, reconhecendo-a como um modelo ideal e racional. Le Corbusier, em sua visão metafísica, adiciona informações acerca da realidade urbana, sendo que tais informações resultam em prática e ideologia urbanas. O urbanismo enquanto ideologia exige uma reformulação teórica e prática, porque não realiza-se sem minuciosas pesquisas, sem análises rigorosas, sem um estudo dos textos e contextos.

Sobre a especificidade dos fenômenos urbanos, o autor assevera que apenas recentemente o pensamento filosófico os têm apreendido. Situa-se entre uma ordem próxima (relações entre os grupos sociais) e distante (igreja, estado, etc...), resultado de uma história ou obra de uma história. O urbano contém uma base material, uma morfologia, um contexto, que necessita além da compreensão, da reflexão.

De acordo com Lefebvre, o modelo organicista de análise empregado por muitos historiadores e sociólogos não trouxe à tona as diferenças da realidade urbana. O continuísmo exacerbado destes estudiosos ocultou as descontinuidades históricas, espaciais e sociais da cidade, esquecendo-se que no decurso de sua história, novas formas, estruturas e funções foram-lhe atribuídas. A cidade e

todo o seu *conteúdo* experimentou períodos críticos de desestruturações e reestruturações.

Em que pesem as afirmações mencionadas pelo autor sobre a morfologia urbana, depreende que a investigação requer a aplicação de metodologias para explicar as diferentes realidades. Estas são, pois, apreendidas pelas: forma, função, estrutura (e processo); níveis, dimensões; texto, contexto; campo e conjunto; escrita e leitura; sistema; signifiante e significado; linguagem e metalinguagem; instituições, etc...

No cômputo das retóricas de Lefebvre sobre a problemática urbana, situa-se o ponto crítico. A crise da cidade é mundial e as razões práticas e ideológicas são nitidamente presentes nos países. O fato é que a morfologia urbana *explode* de forma peculiar nos países em desenvolvimento, formando as favelas, ao passo que nos países desenvolvidos, proliferam-se os subúrbios e nos socialistas, o superpovoamento.

Para Lefebvre, a racionalidade, imposta na práxis por uma estratégia de classe, tem tornado morfologicamente a cidade como um espectro. A aquiescência segregacionista da sociedade de classes, projetada para a realidade urbana, a ideologia de uma prática (estatal, por exemplo), que ávida, vislumbra o fencimento da cidade. A questão oriunda das reflexões empreendidas pelo autor, reitera: terá a vida urbana condições de reaver veementemente a integração e participação da cidade, restituindo-lhe a vida, não de forma virtual, mas real?

Postula Lefebvre que a obra produzida através da história, fora arruinada por estratégias de classes, preocupadas com a criação de produtos. Com efeito, pressupõe uma teoria integral da cidade e da sociedade urbana, com a finalidade de se resgatar o sentido da obra. Tal teoria, leva ao conhecimento da ciência, da arte e da filosofia, sem as quais não completa-se um novo humanismo para a práxis social urbana.

As afirmações contidas nesta *Nota de Leitura* apresentam de forma concisa as idéias centrais abarcadas por

Lefebvre em *O direito à cidade*. Esta obra destina-se a vários profissionais e estudiosos que se interessam pela questão urbana (geógrafos, historiadores, sociólogos, arquitetos, filósofos, psicólogos etc). Todavia, é preciso destacar que uma leitura mais aprofundada da obra se faz necessário, uma vez que cada elocução fora construída com muito requinte por Lefebvre, expressando assim, a dedicação e a proeminência do insigne autor.